

EXPERIÊNCIAS DOCENTES E ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM PERÍODO PANDÊMICO¹

Virginia Georg Schindhelm²
Maria Luisa Furlin Bampi³

RESUMO

O texto apresenta e reflete sobre experiências vividas, em formato virtual, nas disciplinas de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, das licenciaturas em Pedagogia, de duas universidades públicas fluminenses, durante a pandemia da Covid 19. Os encontros semanais receberam profissionais experientes no trabalho com infâncias, que narraram suas vivências, práticas, didáticas e metodologias. Foram ricas interações, todavia sem crianças e sem escolas. O Estágio, pelas narrativas docentes, registrou um novo modo de formação e a universidade se apresentou como um lugar de contar e de fazer.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Experiências de Formação; Narrativas Docentes.

INTRODUÇÃO

Este texto narra duas experiências docentes no campo de formação de professores em Pedagogia na unidade de *Estágio Supervisionado I*, em Educação Infantil. Fazem parte desse estudo duas instituições públicas do estado do Rio de Janeiro: 1) A UFF/ INFES situada em Santo Antônio de Pádua; 2) A UERJ/FFP, situada em São Gonçalo.

O trabalho objetiva narrar duas experiências de estágio, no período de 2020 e 2021, durante o fechamento das escolas e universidades com a reclusão social devido à Covid-19.

¹ O trabalho é resultado de projeto sobre pesquisa formação em Estágio Supervisionado.

² Professora Orientadora: Doutora UFF, professora adjunta da Universidade Federal Fluminense – UFF/INFES, virginiags@id.uff.br;

³ Professora Orientadora: Doutora USP, professora adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado Rio de Janeiro – FFP/UERJ, maria.bampi@uerj.br.

A partir das experiências vividas, buscamos evidenciar as propostas didático-pedagógicas, que desenvolvidas com o passar dos dias, parafraseando Antonio Machado, poeta espanhol, “*Caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar...*”, que exprime nossos sentimentos e o que ocorreu, naquele momento ímpar e totalmente novo, em que nos vimos isoladas, assustadas e cobradas.

Em fevereiro de 2020 iniciam os casos de covid-19 no Brasil, o vírus foi se disseminando e causando milhares de mortes. Nesse período nossas aulas começaram e, na primeira semana já tivemos notícias de contágios entre colegas. Em meio a discursos negacionistas e disseminação de notícias falsas, tratamentos precoces chegamos a um estado alarmante de contágio e mortes, que implicou em medidas de distanciamento social, com ele as aulas foram suspensas.

Durante o período de reclusão, várias empresas criaram plataformas digitais para o trabalho remoto, uma forma de manter os colaboradores produtivos, sem colocá-los em risco. Impulsionados pelas mudanças nas formas de trabalhar e com a disponibilidade gratuita dessas plataformas, os educadores também foram incorporando as videoconferências e as reuniões online.

Inúmeras foram as questões sobre o planejamento para ação. Sondamos sobre atividades das escolas com as crianças pequenas e, ficou evidente, que uma das maiores dificuldades para as famílias era o uso e acesso às tecnologias. Reunimos alunos e alguns professores de outras instituições de ensino superior para troca de experiências sobre a condução das atividades de ensino/pesquisa e extensão, de forma remota e, coletivamente, construímos encontros e novos saberes.

As instituições escolares/educacionais foram lançando mão de modos outros de ensinar/aprender. Primeiro os celulares e o Whatsapp, que já era utilizado para comunicações rápidas, e se expandiu como modo de comunicação. Grupos de alunos foram criados e os contatos foram sendo retomados. Em contraposição aos modelos de EAD, geralmente desenvolvidas por meio de uma programação pré-formatada, em que as aulas e que os alunos se relacionam apenas com um monitor e de forma assíncrona,

aprendemos a utilizar muitas plataformas e nos encontrávamos virtualmente com os alunos com aulas síncronas pelas plataformas disponíveis.

Foi um período muito controvertido para viabilizar todas essas mudanças. Precisamos ter acesso às plataformas e nos capacitar. As universidades se reorientaram e lançaram mão de plataformas virtuais. Paralelamente um estudo das condições de acesso de docentes e discentes, necessário para disponibilizar aos alunos tablets e pacotes de dados para o acesso. Coletivamente, criamos grupos de apoio e de trocas, que serão apresentadas no modelo de narrativas de formação, que nos ajudaram a refletir sobre as transformações provocadas nos processos didático-pedagógicos, nas nossas certezas, saberes e dizeres.

Ambas as universidades compartilharam suas experiências e optaram por viver suas disciplinas de estágio supervisionado na Educação Infantil, em formato remoto, que, naquela ocasião, pareciam inviáveis. Acordamos por convidar profissionais experientes no trabalho com infâncias, todavia em diferentes práticas, didáticas e metodologias.

Os encontros contaram com a presença de professores convidados, que trouxeram falas sobre suas experiências, dentre elas: Literatura, práticas pedagógicas e afetos; Cartografias criancieiras e vivências espaciais na infância; Encontros com crianças com cegueira: uma experiência na Educação Infantil do Instituto Benjamin Constant; A docência na Educação Infantil: saberes e fazeres no trabalho com bebês na creche; Quintal de corpo inteiro: a relação das crianças com todas as formas de vida; Histórias e canções na Educação Infantil; Experiências docentes na educação escolar indígena em Maricá; O acolhimento da criança surda na Educação Infantil; Neurodesenvolvimento infantil em contato com a natureza; Gênero e Sexualidades na Educação Infantil; Educação em movimento: um processo vivo!

Foram muitas expectativas e angústias vividas nos nossos primeiros passos acadêmicos, diante do desafio de ministrar disciplinas de estágios supervisionados em Educação Infantil, sem as crianças e sem as escolas. Entretanto, foram experiências que muito nos enriqueceram. Somos seres sociais e aprendemos nas relações uns com os

outros, como nos ensina Vigotsky (2000), mesmo com os encontros virtuais. Assim, este novo formato de ensino mudou os nossos dias.

Encontramos, nesta modalidade, uma escola que não apenas objetive a construção de conhecimentos científicos, todavia que seja um lugar promotor de processos relacionais. No presencial, adultos e crianças convivem boa parte de seu tempo cotidiano, face a face, e trazem consigo suas culturas pessoais, seus valores e gostos, seus ideais, suas experiências e seus sentimentos. Afinal, a escola e, por sua vez, “[...] a educação tem sim muito a ver com esse ensinar a conviver [...]” (LIMA, 2017, p. 301).

Como microssistema social, a escola reflete transformações contemporâneas e, neste momento pandêmico, evidenciou-se pensá-la “como um lugar de sentir” (LAROSSA, 2017), de modo a potencializar possibilidades de experiências daquilo que pode ser sentido.

Assim, num mundo que cabe reinventar, a escola também deveria ser constantemente, reinventada, de modo a trabalhar no coletivo como um lugar de crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional, portanto um lugar de dizer e de fazer.

METODOLOGIA

A perspectiva teórico-metodológica é da pesquisa narrativa das histórias de vida no campo de formação de professores, em diálogos com os estudos de Finger e Nóvoa (2010), que evidenciam a vida de professor para formação; Souza e Fornari (2005); sobre a pesquisa formação e as narrativas no processo de autoformação “*teoricometodológico* no movimento de tematização da própria vida e como *espaçotempo* de formação docente” (BRAGANÇA, 2018, p.31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho orientado por tecnologias foi adaptado para as nossas necessidades e aplicado em um projeto de desenvolvimento, que atendeu uma proposta de estágio em educação infantil, considerada impossível.

Os visitantes convidados narraram suas experiências e, de modo virtual, trouxeram as escolas para as nossas aulas. Nossos alunos dialogaram sobre os temas e sentiram-se gratificados pelas possibilidades de experiências que, presencialmente, seria muito difícil vivenciar em um período de estágio presencial em apenas uma escola infantil.

Enfim, o nosso objetivo central de propor o Estágio em Educação Infantil, a partir das narrativas de experiências docentes, como um modo de formação, foi atingido e a universidade, mesmo em formato virtual, ficou registrada como um lugar de sentir, de lembrar e também de gostar.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de Professoras e pesquisa formação: círculo virtuoso narrativa escuta. In: **Formação de Professores para uma educação plural e democrática: narrativas, saberes, práticas educativas na América Latina**. SANGENIS, L. F. C.; De Oliveira, E. F.; CARREIRO, H. J. S. (orgs.) Rio de Janeiro: EdUERJ. 2018. 31-50.

FINGER, Matthias; NÓVOA, António. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSSA, Jorge (org.) **Elogio da escola**. tradução Fernando Coelho. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LIMA, Patricia de Moraes. Ser e ter: a produção de sentidos – por uma topologia das infâncias e suas relações com a escola. In: LARROSSA, Jorge (org.) **Elogio da escola**. tradução Fernando Coelho. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017. p. 299-312. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

MACHADO, Antonio. **Cantares**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/livro/antonio-machado>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino; FORNARI, Liege Maria Sitja. Colégio Nossa Senhora do Carmo: memória, história institucional e representações sobre a formação docente. In: FERRAZ, Jaci Maria et al. **Educação na Bahia**: memória, registros, testemunhos. Salvador: EDUNEB, 2005. p. 347-356.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Psicologia e Pedagogia)